



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS IV  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E  
LITERATURAS

MARCELO ALVES PINTO

**CABEÇA FEITA: CORPO E CABELO COMO SÍMBOLOS DE  
IDENTIDADE NEGRA EM CRISTIANE SOBRAL**

Jacobina – BA

2016



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH – CAMPUS IV  
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E  
LITERATURAS

MARCELO ALVES PINTO

**CABEÇA FEITA: CORPO E CABELO COMO SÍMBOLOS DE  
IDENTIDADE NEGRA EM CRISTIANE SOBRAL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Letras Vernáculas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, *Campus IV*, como requisito parcial para obtenção da graduação em Letras.

**Orientador:** João Edson Rufino

Jacobina – BA

2016

MARCELO ALVES PINTO

**CABEÇA FEITA: CORPO E CABELO COMO SÍMBOLOS DE  
IDENTIDADE NEGRA EM CRISTIANE SOBRAL**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em letras vernáculas, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, campus IV, como requisito parcial para obtenção da graduação em Letras.

**Orientador:** João Edson Rufino

Jacobina, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

(Orientador)

---

(Prof. Avaliador)

---

(Prof. Avaliador)

A Ione Cláudia dos Reis Pinto (*in memoriam*)

## Ferro

Primeiro o ferro marca  
a violência nas costas  
Depois o ferro alisa  
a vergonha nos cabelos  
Na verdade, o que se precisa  
é jogar o ferro fora  
e quebrar todos os elos  
dessa corrente  
de desesperos.

Luiz Silva (Cutí)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, sem o qual eu não poderia ter chegado até aqui.

Aos professores João Edson Rufino, pela orientação que me possibilitou concluir este trabalho; ao professor Paulo André, por ter me auxiliado nesta trajetória e à professora Cristian Sales, cujas recomendações de leituras foram imprescindíveis para meu crescimento pessoal e profissional. Aos demais professores do curso de licenciatura em letras da UNEB – *Campus IV*, que me ajudaram durante todo este percurso.

Aos meus familiares, Nivalda (Mãe), Edivaldo (pai) e meus irmãos Júlio, Suzana, Teobaldo e Vanuce a quem sempre pude contar com o apoio.

Aos meus amigos, André, Carmem, Clêuma, Dilma, Jones, Lidiane, Taine e Thássia com quem sempre pude contar, e também aos demais colegas do curso e pessoas que, de alguma forma, contribuíram para que eu conseguisse chegar até aqui.

## RESUMO

Este trabalho investiga como a escritora afro-brasileira Cristiane Sobral utiliza o cabelo para compor uma identidade negra no seu livro *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2012), levando-se em consideração que, no Brasil, a identidade brasileira, ao se estabelecer como mestiça, tentou apagar elementos da etnicidade negra. A literatura afro-brasileira produzida por Sobral, desconstrói e ressignifica o que é ser negro para a cultura brasileira, que sempre teve seus traços fenóticos depreciados. Assim, o uso dos cabelos crespos aparece não somente como elementos estético mas, também, como ferramenta política, para a construção da identidade negra para os afro-brasileiros, o cabelo como ícone simbólico representa a nossa uma luta por inserção de fora igualitária, nos diversos setores sociais, nos quais ainda predomina pouca participação dos afrobrasileiros.

**Palavras-chaves:** corpo e cabelo; identidade negra; literatura afro-brasileira.

## **ABSTRACT**

This working investigates how african-Brazilian writer Cristiane Sobral uses the hair like a black identity in his book "*Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*" (2014), considering that in Brazil, the Brazilian identity to establish itself as mestizo tried to delete elements of black ethnicity. The african-Brazilian literature produced by Sobral, deconstructs and reframes what has been Black to the Brazilian culture, which has always had traces impaired phenotypes. Thus, the use of curly hair is not show only as aesthetic elements, but also as a political tool. The construction of black identity to the african-Brazilian will enable them to fight for their insertion out equal in the various social spaces, yet with little participation.

**Keywords:** african-Brazilian literature, black identity, body and hair.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I</b>	
1.1 Cristiane Sobral: Trajetória intelectual .....	12
1.2 Cristiane sobral: Perfil poético .....	15
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>LITERATURA BRASILEIRA: OCULTAÇÃO, ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA DE TRADIÇÃO CANÔNICA</b>	
2.1 Literatura Brasileira e Afro-Brasileira, ocultação e representação e auto-apresentação .....	21
2.2 Representações do corpo negro feminino na Literatura brasileira .....	27
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>CORPO E CABELO COMO SUPORTES SIMBÓLICOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA</b>	
3.1 Fazendo a cabeça: a identidade negra como forma de desconstrução do mito da democracia racial .....	33
3.2 Refazendo a cabeça: corpo e cabelo como símbolo de identidade negra .....	46
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	55
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	56

## INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão de curso é uma etapa de consolidação da nossa trajetória na universidade, em que exercemos a capacidade argumentativa ao discorrer sobre determinado tema. A ideia de trabalharmos sobre o uso dos cabelos para compor uma identidade negra veio de discussões tidas em sala de aula – especialmente no componente curricular *Literatura e Cultura afro-brasileira* – fomentando nossa vontade de trabalhar com esta temática.

Com este trabalho, buscamos refletir por que nós negros ainda não temos inserção de forma igualitária em todos os setores sociais e por que nossas produções artísticas ainda são pouco divulgadas. Através da *Literatura afro-brasileira* podemos descobrir uma narrativa em que nossa representação é mais próxima da realidade, sem os já conhecidos estereótipos, presentes em muitas produções canônicas, de forma que acreditamos que o acesso à literatura brasileira precisa ser ainda mais democrático.

Pensando a identidade cultural, Hall (2011) mostra que, na pós-modernidade, as identidades têm estado cada vez mais fragmentadas. Em relação ao Brasil (que desenvolveu para si uma identidade mestiça biológica e cultural), vemos que esta identidade não congrega a todos e a identidade mestiça pode ser vista como um etnocídio, desde sua consolidação com os intelectuais do século XIX, cujo objetivo, seria apagar o elemento negro do País, prevalecendo uma estética eurocêntrica branca. Ao reivindicar uma identidade cultural negra, a literatura afro-brasileira busca o reconhecimento do Brasil como um país pluricultural e que se torne igualitário a todos.

A partir desta reflexões, descobrimos em Cristiane Sobral uma autora compromissada com um trabalho intelectual de desmistificação do mito da democracia racial, cujas diferenças raciais são perceptíveis em nossa sociedade em que os afro-descendentes ainda ocupam os lugares menos privilegiados da nossa estrutura social. A autora, também professora de artes e dramaturga, é uma militante nas causas sociais de ações afirmativas, objetivando a inserção igualitária dos afrodescendentes na sociedade brasileira.

No primeiro capítulo deste trabalho, abordamos a sua trajetória intelectual através da leitura de sua biografia, com o auxílio de entrevistas concedidas nos

meios midiáticos e leituras do seu *blog* eletrônico, em que também publica textos e algum de seus poemas e textos.

No segundo capítulo, analisamos como funcionam as instâncias de legitimação do cânone, tendo como referência principal Reis (1992), mostrando que desde sempre a literatura esteve ancorada a grupos de setores sociais hegemônicos, demarcando lugares negativos para grupos minoritários. Trazemos também reflexões de Regina Dalcastagnè (2012), discutindo que a literatura é um território que precisa ser contestado, já que em sua pesquisa mostrou que os principais autores premiados nacionalmente obedecem a regras pré-estabelecidas: a maioria são homens, brancos e de regiões como São Paulo e Rio de Janeiro.

Mostra-se relevante os estudos de Proença Filho (2014), trazendo a trajetória do negro na literatura em dois momentos: a atitude resignada na escrita de homens brancos, e em uma forma compromissada com o engajamento político, quando eles passam a escrever, narrado suas próprias vivências. Utilizamos também os estudos de Evaristo (2005) para percebermos como foram elaboradas as representações do corpo negro feminino e como o movimento de auto-apresentação funciona como ferramenta de contradiscurso em que escritoras afro-brasileiras narram suas vivências. Também nos apropriamos das reflexões da pesquisadora Cristian Sales (2011) para pensar a escrita sobre o corpo negro de autoria feminina.

No último capítulo, analisamos como através do corpo e cabelo, no livro *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014), Cristiane Sobral compõe uma identidade negra. Fez-se necessário compreendermos como foi construída a identidade nacional. Para isso, utilizamos os estudos de Schwarcz (1993), auxiliando-nos na compreensão dos desafios enfrentados pelos intelectuais brasileiros do século XIX na configuração de nossa identidade mestiça, quando teorias vindas da Europa enxergavam a miscigenação sempre como um erro. Fundamental ainda para se pensar esta identidade são as reflexões do antropólogo Munanga (2007) e de Ortiz (1994), analisando a identidade mestiça e suas implicações.

Na perspectiva dos estudos culturais, trazemos Hall (2011) e Silva (2011) para pensar na produção social da identidade e analisar, nos poemas, o uso que se faz do cabelo como suporte a produção da identidade negra. Gomes (2012) afirma

que corpo e cabelo são significativos para compor a identidade negra dos afro-brasileiros, cujo processo de diáspora africana, o corpo e cabelo era o único bem simbólico que os escravizados possuíam. A relevância dos cabelos crespo foram atualizadas na contemporaneidade e mostra como o cabelo oferece uma nova significação quando utilizado como elemento identitário.

Mostra-se importantes as reflexões de bell hooks<sup>1</sup>, ensaísta afro-americana (1995 e 2005) em todo este trabalho. Hooks afirma que uma escrita compromissada com modificações políticas e sociais é um trabalho intelectual. Para a nossa reflexão sobre o uso que se faz dos cabelos como símbolo político, achamos interessante seu texto *Alisando nossos cabelos (2005)*, no qual ela aborda como as imagens depreciativas construídas para o cabelo crespo fizeram com que mulheres negras sintam-se inferiorizadas, recorrendo aos produtos de alisamentos numa tentativa de fuga da sua etnicidade. A autora mostra ainda que a indústria capitalista se aproveitou desta insegurança feminina em ter os cabelos crespos, tornando-as sujeito consumos de produtos para alisamento capilar que muitas vezes têm preços abusivos e resultados danosos à saúde.

Este trabalho mostra que ser negro no Brasil é um processo não tão simples, pois a miscigenação alienou os afro-brasileiros a não se reconhecerem como negros, e tendo a mestiçagem atenuado os traços negróides, há a possibilidade de pessoas transitarem entre fronteiras étnicas. A mestiçagem ao fragmentar a população em escalas cromáticas (branco, pardo e negro), teve por objetivo desmembrar pessoas dos seus iguais, pois ao acreditarem ser negro como algo pejorativo. O não reconhecimento a este grupo não os convida a lutarem contra o racismo que afeta todos nós. A literatura produzida por Cristiane Sobral tem como objetivo desvincular os sentidos negativos atribuídos aos negros e elementos da etnicidade negra, fazendo com que nós negros passemos a nos orgulhar de nossas características e, ao nos reconhecermos como negros, reivindicemos nossa inserção de forma realmente igualitária em todos os espaços sociais que a nós negros não foram reservados.

---

<sup>1</sup>bell hooks é o pseudônimo da escritora afro-americana Gloria Jean Watkins, grafamos seu nome com letra minúscula pois é a forma que a autora escolheu para assinalar suas obras “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”

## CAPÍTULO I

### 1.1 Cristiane Sobral: Trajetória intelectual

Resolvi **fazer a cabeça**  
**Ocupar páginas em branco**  
Com pérolas negras  
Para refletir nossa luz  
(SOBRAL, 2014,p.57 Grifos nossos)

Trazemos neste capítulo a trajetória intelectual da escritora Cristiane Sobral, dramaturga, professora, escritora, uma artista militante compromissada com ações sociais voltadas à população negra brasileira. A autora além de escrever contos, também escreve poemas, estes que compõem a maior parte de sua obra.

As formações da autora incluem, além de sua graduação em Interpretação Teatral (Bacharelado) na Universidade de Brasília, Pós-Graduação (especialização) em docência do ensino superior, (Universidade Gama Filho, RJ, 2008). Também é licenciada em Educação Artística (Universidade Católica de Brasília, 2005) e mestrado em arte na Universidade de Brasília.

A escolha de iniciar este texto com a epígrafe acima busca ilustrar o caráter transgressor praticado pela autora, entendido como um trabalho intelectual. Entendemos por intelectual as diferentes produções de alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas, porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-los. Segundo hooks, intelectual é alguém que lida com as ideias em sua vital relação com a cultura política mais ampla (HOOKS, 1995 p.468).

Ser intelectual não é meramente escrever, mas escrever compromissado com um discurso que transgride fronteiras discursivas antes incontestáveis. Quando Sobral diz “Resolvi fazer a cabeça/Ocupar páginas em branco”, é perceptível a voz enunciativa do sujeito negro que refletindo acerca dos papéis sociais destinados a eles, em diversos setores sociais e presente em meios representativos tais como a literatura e televisão. Com suas palavras, “fazer a cabeça” propõe a desconstrução

de uma mente colonizada<sup>2</sup>, centrada em concepções eurocêntricas, e propõe a ocupação em espaços, antes não destinado a esta população historicamente marginalizada.

Cristiane Sobral nasceu em 1974, na Zona oeste do Rio de Janeiro, no bairro de Coqueiros. Sua carreira artística começou no ano de 1987, quando ingressou em um curso de teatro do SESI, que terminou com encenação da peça *Cenas do cotidiano*. Em 1988, a autora mudou-se para Brasília, onde reside atualmente e atuou em grupos de teatros locais.

Mulheres negras, no Brasil, desde o período pós-escravidão, não tiveram poder sobre seus próprios corpos, ou dos seus próprios filhos. Estiveram a serviço dos filhos de alguém, nunca tiveram tempo para si. “Eu sou mulher negra. Eu desafiei essa crença” afirma Sobral (2014 p. 22), em referência ao processo social, onde mulheres negras são sempre subjugadas socialmente a estarem destinada a servir alguém. A autora desafia esta crença, em 1998, sendo a primeira mulher negra a graduar-se no Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

Após graduada e percebendo a pouca participação dos negros no teatro (e quando estes apareciam era sempre em papéis estereotipados), a autora criou em Brasília, no ano de 1999, a Cia de teatro *Cabeça Feita*, a dirigindo até o presente momento e cujo objetivo é oportunizar aos alunos negros da UnB participar de papéis em que negros não ocupem sempre os mesmos papéis marginalizados dando-lhes oportunidade de desempenhar outros papéis não marcado pelos já conhecidos estereótipos

A produção literária da autora só inicia tardiamente. Segundo Sobral, em entrevista concedida ao programa *Iluminuras*, da TV Justiça (2013), ela já escrevia desde cedo, mas por não achar que estava bom, simplesmente guardava, e por opção profissional, escolheu os palcos, pois se sentia insegura em apresentar ao mundo o que escrevia.

No ano 2000, a autora agrega-se aos meios literários quando passa a participar da antologia literária *Cadernos Negros*, que tendo a sua primeira publicação em 1978, surgem como um espaço para a divulgação da produção

---

<sup>2</sup> O termo mente colonizada referência ao processo de gostos e opiniões voltadas para as ideias do colonizador que estigmatiza e deprecia a população colonizada. O termo desenvolvido por Cornel West aparece no ensaio *Intelectuais negras de bell hooks* (1995).

literária de autores afro-brasileiros de diferentes lugares do País. A primeira tiragem foi uma edição de bolso custeada pelos próprios autores

Por sentir-se contemplada pelos ideais de *Cadernos negros* em denunciar a realidade social do negro brasileiro e produzindo textos comprometidos com transformações sociais, os textos de Cristiane Sobral estão presentes nas edições 23, 24, 25,30,32,34,35, e 36, contribuindo, assim, para o seu amadurecimento profissional, possibilitando, mais tarde, a publicações individual dos livros: *Não vou mais lavar os pratos (2010)*, *Espelhos miradouros dialéticas da percepção (2011)* e *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz (2014)*.

## 1.2 Cristiane Sobral: Perfil poético

Em suas obras, há um grande espaço reservado a personagens negras. Assim, a autora costuma discorrer sobre as dificuldades enfrentadas pelos afrodescendentes em decorrência do preconceito racial ainda existente na sociedade, impossibilitando-lhes sua inserção igualitária em diversos setores sociais. Sua poesia é rica em ironias utilizadas para demonstrar as diferenças raciais existentes. Como exemplo, podemos citar o poema *Fantasia*:

### **Fantasia**

Hoje acordei branca  
 Loira, de olhos azuis  
 Na verdade, nem levantei cedo da cama  
 Porque segundo as estatísticas  
 As brancas ganham mais  
 As brancas vivem mais  
 As brancas vivem  
 [...]  
 Ao fim do dia  
 Eu sabia que voltaria a ser negra  
 Tive a imediata certeza  
 De que o racismo não era filosofia  
 Não era não  
 Percebi desde o bom dia  
 (SOBRAL, 2014 P45-46)

Neste poema, o enunciador traz uma voz feminina negra que acorda para viver seu dia como uma mulher branca, possuindo um padrão estético estimado pela sociedade; fato este que facilitará seu ingresso em diversas esferas sociais, emprego, amor dentre outros. Mas, ao fim do dia, quando voltar a ser negra, o sujeito confirmará a existência de tratamento diferenciado entre uma mulher branca e uma mulher negra.

Os discursos hegemônicos que circulam na sociedade encarregam-se em propor o que é aceito em termos estéticos como bonito, e o que deve ser recusado, sendo que a etnicidade negra sempre visa ser disciplinada, para que pessoas negras se encaixem em padrões sociais estabelecidos. O poema *Fantasia* desnuda esta realidade em que o padrão aceito socialmente é o branco, e para que pessoas negras tenham seu reconhecimento profissional sejam induzidas a estarem mais próximas do mais do perfil estético e cultural branco.

No livro *Espelhos Miradouros Dialéticas da Percepção*, Sobral tem um conto chamado *O tapete voador*, que nos mostra as estratégias de embranquecimento cultural propostos por nossa sociedade. Neste conto, Bárbara, a personagem principal, é uma mulher negra que trabalha em uma empresa multinacional, e é possuidora de um cabelo *Black Power*<sup>3</sup>, quando um dia, seu patrão propõe que ela alise os seus cabelos em prol de um embranquecimento que, segundo, ele daria maiores oportunidades de ela ascensão profissional:

— Há outras questões que você pode se aperfeiçoar. O seu marketing pessoal por exemplo. Já temos bons produtos para minimizar acidentes genéticos desagradáveis. Seu cabelo é péssimo. Costumo viajar muito para o exterior e poderei trazer ótimos cosméticos, sem nenhum incômodo. Entenda este gesto como um investimento em recursos humanos. A cor não precisa ser um fardo para os mais desenvolvidos. Claro! Vou fazer minha parte, mas você tem quem prometer não deixar a sua negritude tão evidente. A sua pele não é tão escura, poderá ser facilmente trabalhada. [...] (SOBRAL, 2011, p.48)

Pessoas negras são sempre induzidas a abrirem mão de traços de sua negritude. Diante desta realidade, a literatura produzida por Sobral se propõe em trazer uma discussão política no tocante à realidade social de negros e afrodescendentes vivenciado no Brasil, discorrendo sobre fatores históricos que não foram significativos para a modificação da realidade negra. Por exemplo, implementação da Lei Áurea, pois é questionável a abolição da escravatura, quando observamos que a população negra ainda ocupa trabalhos subalternos a serviço da elite, como empregadas domésticas, cozinheira ou motorista.

Vão fazer parte das temáticas também, poesias ligadas à ancestralidade africana, ao cotidiano através de temas como casamento e maternidade, mas grande espaço é reservado à mulher negra, onde elas deixam de ser objetos e passam a ser sujeitos.

Uma fala apresentada por Sobral, é que, em seus poemas, ela procura sempre trazer “escurecimento” que se fazem necessário. Tais escurecimentos em nossa concepção é o processo em que o indivíduo passa a se reconhecer como negro construído para si uma identidade. A miscigenação brasileira no âmbito

---

<sup>3</sup>Em tradução livre significa poder negro, movimento político estadunidense; aqui refere-se ao uso que se faz do cabelo crespo grande e volumoso.

biológico e cultural sempre procurou embranquecer a população, colocando tudo que é da cultura africana como negativo, como estigmatização da religião, traços fenóticos e outros.

Uma das principais armas utilizadas no processo de alienação das populações negras foi o estereótipo, generalizações em que o negro é representado como feio, preguiçoso, e tem seu corpo depreciado, causando nos afro-brasileiros um irreconhecimento com estas representações, sentindo-se não negros, pois todas as representações sociais para a figura negra traz cargas depreciativas. A categoria racial parda oferece um ponto de fuga da realidade negra por estar mais próximo fenotipicamente à cultura branca.

Por a linguagem ser a principal ferramenta utilizada por Cristiane Sobral, o escurecimento em sua poesia consiste em ressignificar palavras depreciativas, revertendo-lhes os sentidos. Assim “escurecer” aparece como um processo que vai além da linguagem, ficando entre a poesia e seu compromisso político. O verbo “escurecer” em nossa cultura tem sentido negativo, pois o escuro foi associado ao mal. O escurecimento como processo para construção de uma identidade é um processo individual, neste processo para os leitores, o escurecimento é um processo de descolonização de suas mentes, desconstrói conotações negativas para o que é ser negro e os sujeitos passam se assumir como negros:

[...] há um comprometimento com a linguagem, quando a gente fala primeiro de algumas palavras, que podem ser usadas no nosso imaginário de maneira negativa, vamos falar, por exemplo, a questão do cabelo crespo, normalmente como uma expressão que a gente utiliza que é um demérito, dentro dessa poesia afro-brasileira, vai haver um resgate da identidade e da etnicidade. E tudo que eu puder fazer para desenvolver o meu tecido literário de maneira a afirmam essa especificidade da negritude, eu vou fazer, eu não vou passar desatento dessas questões que são particulares desse universo [...] (Cristiane Sobral, 2013)<sup>4</sup>

A exclusão de gênero e raça vivenciada por mulheres negras fizeram-nas refém de uma literatura canônica branca, cujas mulheres negras tiveram sempre representações depreciativas, por exemplo: corpo sem mente, seres infecundas,

---

<sup>4</sup>Entrevistas publicadas em meio eletrônico:

SOBRAL, Cristiane. Cristiane Sobral. **Iluminuras**, 22 mar. 2013. Vídeo em meio eletrônico (25min08s). Entrevista concedida à Carlos Eduardo Cunha Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QGgFLcVnc3E>>. Acesso em: 15 de set. 2015 às 21hrs

sexualidade lasciva, como atesta Evaristo (2005), no ensaio *Da representação a auto apresentação da mulher negra na literatura*. Evaristo mostra que a escrita das mulheres negras apresenta um contradiscurso com todas as formas de representações canonizada, construída sobre mulher negra.

[...] as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma auto-representação. Criam, então, uma literatura em que o corpo-mulher-negra deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como sujeito-mulher-negra que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. Pode-se dizer que o fazer literário das mulheres negras, para além de um sentido estético, busca semantizar um outro movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005 p.54)

Assim, autoras negras precisam demarcar seu lugar de fala, pois inseridas em uma literatura afro-brasileira, elas necessitam marcar ainda o lugar enunciativo de uma voz afro-feminina, construindo novas representações, novos olhares sobre o seu corpo, sua ancestralidade e etnicidade. Sem visões depreciativas de gênero e raça. A mulher deixa de ser objeto e passa a ser autora de sua própria história.

Destacamos o primeiro livro de poemas, *Não vou mais lavar os pratos* (2010) importante para ilustrar a realidade transgressora praticada por mulheres negras, pois o discurso de exclusão racial impõe uma realidade mais depreciativa para a mulher negra; a mulher branca recebe o papel delineado de esposa e a mulher negra recebe representações destinadas ao trabalho doméstico, comumente vista na literatura, teatros, novelas dentre outros meios de reprodução em massa.

**Não vou mais lavar os pratos**

Não vou mais lavar os pratos  
 Nem vou limpar a poeira dos móveis  
 Sinto muito. Comecei a ler.  
 Abri outro dia um livro e uma semana depois decidi  
 Não levo mais o lixo para a lixeira.  
 Nem arrumo a bagunça das folhas que caem no quintal  
 Sinto muito. Depois de ler percebi a estética dos pratos,  
 a estética dos traços, a ética[...]  
 (SOBRAL, 2010)

Publicado em 2010 pela editora Athalaia, o poema cujo título dá nome a obra, apresenta uma retomada de consciência acerca da profissão que o enunciador tem exercido ao longo de sua vida, uma mulher negra condicionada aos afazeres domésticos, que decide, não somente, não lavar mais os pratos, mas também mostra que através da aquisição da escolaridade pode ir em busca de exercer novas atividades profissionais, vemos isso presente no verso “Depois de ler, percebi a estética dos pratos”. Assim, para a autora o acesso igualitário à educação dará oportunidade aos sujeitos negros exercer outras atividades.

Em *Espelhos, miradouro dialética da percepção*, publicado em 2011 pela editora Dulcina, a autora trabalha com contos voltado para as questões identitárias, nas quais os personagens vivenciam conflitos estéticos. O espelho funciona como metáfora para o reflexo da etnicidade negra. Ele pode ser visto por personagens negras de forma positiva, elementos como cabelo crespo, nariz, epiderme como forma de reivindicar sua alteridade, ou como algo negativo se relacionado a padrões eurocêntricos, que deverá ser apagado.

Em sua escrita, os “escurecimentos” aparecem em forma do que se propõem a negritude. Ao se assumir como negro, o sujeito constrói uma identidade para que possa exercer sua alteridade, garantido que um termo que antes foi usado como demérito, passe a ser ostentado. Fazendo isso, a autora reverte um termo que antes envergonhava a população negra, para algo positivo, a exemplo da palavra *pixaim*<sup>5</sup>. Seu uso é recorrente nos poemas desvinculado da conotação negativa:

A ideia foi justamente assumir uma denominação negativamente conotada para reverter-lhe o sentido, permitindo assim que a partir de então as comunidades negras passassem a ostentá-lo com orgulho e não mais com vergonha ou revolta. Essa foi uma estratégia para desmobilizar o adversário branco, sabotando sua principal arma de ataque – a linguagem – e provando que os signos estão em permanente movimento de rotação. Logo, os signos que exilam são os mesmos que nos constituem em nossa condição humana. (BERND, 1988 p17-18)

O trecho do poema *Preto no Preto* ilustra a afirmação da identidade através do cabelo, antes visto como “cabelo ruim”:

---

<sup>5</sup>Cabelo bastante enrolado; cachos pequenos e com volume

**Preto no Preto**

Meu cabelo sem vestígios de lisura incomoda  
Não alisa nem se conforma  
Imponho a minha diferença  
Minha marca de nascença  
Minha identidade  
[...] (SOBRAL, 2014, p.24)

O poema em questão foi retirado do livro *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*, publicado em 2014 pela editora Dulcina. Adotado como o *corpus* deste trabalho, este poema visa produzir um contradiscurso aos padrões estéticos eurocêntricos, que buscam promover a disciplinarização do cabelo afro através de alisamentos químicos. O cabelo crespo ganha *status* de rebeldia, marcando o símbolo da identidade negra.

Além destes livros de publicação solo, a autora participa de outras antologias, e, no âmbito literário, a autora é Diretora de Gestão e Produção Cultural no Sindicato dos Escritores do Distrito Federal, ocupante Imortal da cadeira nº 34 na Academia de Letras do Brasil, em Brasília, e recebeu o II Prêmio Literário Canon Poesia 2009.

## CAPÍTULO II

### LITERATURA BRASILEIRA: OCULTAÇÃO, ESTEREÓTIPOS E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA LITERATURA DE TRADIÇÃO CANÔNICA.

#### 2.1 Literatura Brasileira e Afro-Brasileira, ocultação e representação e auto apresentação.

A linguagem, matéria de que se nutre a literatura, sendo parte da vida política e social, não só molda nossas percepções como é moldada pelo social. Sendo capital na percepção da realidade, a linguagem tem sido canalizada para atender aos interesses dos grupos dominantes.

(Cânon, Roberto Reis)

Ao discutir neste trabalho a produção intelectual de uma escritora negra, cujo objetivo é contestar as representações femininas negras nas produções literárias nacionais, as narrativas produzidas por mulheres negras apresentam um contradiscurso que promove a desconstrução das representações desenhadas historicamente por escritores brancos. Foram várias as obras e autores que formaram uma visão depreciativa para diferentes grupos minoritários, entre eles, mulheres, negros, indígenas, homossexuais e outros.

Com a finalidade de compreendermos o duplo movimento que a escritora Sobral faz, para se afirmar como mulher negra e escritora negra, buscaremos compreender as instâncias de legitimação do cânone, uma vez que a Literatura Brasileira esteve centrada na cultura patriarcal e as produções afro-brasileiras, por sua vez, passam por exclusões de gênero e raça, promovendo um silenciamento de suas vozes.

Quando trazemos a diferenciação entre mulher branca e mulher negra, o fazemos com o objetivo de marcar o lugar étnico e sexual de produção. Ao abordarmos a discussão sobre o cânone, o faremos como traz Reis (1992) que, ao questionar a ausência de diferentes grupos minoritários no cânone literário brasileiro, não reivindicamos uma dilatação do cânone para incorporação de tais autores (as) não canonizados (as), tão pouco a descanonização de autores já consagrados, mas sim perceber quais fatores estão implícitos na canonização de obras, e estas representaram a mulher negra.

Mulheres e mulheres negras sempre escreveram ao longo do tempo, mesmo que em menor escala que os homens, porém a historiografia literária não incluiu seus nomes no rol de autoras para serem conhecidas e apreciadas, e que hoje a crítica literária ocupa-se em fazer o resgate. Assim posso citar nomes como Maria Firmina dos Reis (1825-1917), uma mulher negra considerada a primeira romancista brasileira, com seu romance abolicionista *Úrsula* (1859), Aline França (1876) *Antonieta de Barros* (1901-1952) e Carolina de Jesus (1914-1997), dentre outras.

O termo “Kanon” vem do grego e significa vara de medir. Nas línguas românicas, entrou com o sentido de “norma” ou “lei” e utilizado por alguns teólogos do século IV d.C para determinar quais textos comporia a Bíblia, resultando numa inclusão e exclusão por critérios de seleção desconhecidos ao atribuir autenticidade ou não aos referidos textos.

Na literatura, a palavra cânone entrou como forma de atribuir valores a obras e autores cuja arte literária é detentora de características que a configuram como pertencentes à Literatura. Literatura aparece neste contexto como espaço privilegiado no qual a crítica literária determina quais são os textos que devem ser lidos por serem considerados “bons”. O cânone surge em relação à grande quantidade de livros produzidos, e a brevidade da vida humana, tornando impossível ao homem lê-los todos, tendo sido selecionados os textos canonizados suas leituras tornam-se imprescindível aos eruditos.

O fenômeno da inclusão conseqüentemente implica a exclusão. Assim autores que não são considerados bons, ou que sua obra não é boa o suficiente não serão legitimados na historiografia literária, caindo em esquecimento.

O que interessa reter, mais do que uma diacronia, é que o conceito de cânon implica um princípio de seleção (e exclusão) e, assim, não pode se desvincular da questão do poder: obviamente, os que selecionam (e excluem) estão investidos da autoridade para fazê-lo e o farão de acordo com os seus interesses (isto é: de sua classe, de sua cultura, etc). (REIS, 1985, p.70)

Quando lançamos um olhar diacrônico sobre a Literatura Brasileira, verificamos que a escolha de autores a serem canonizados sempre priorizou grupos hegemônicos dentro dos setores de poder social. Numa leitura generalizada e ampla do cânone universal, vemos que ele está centrado na cultura Ocidental, e isto

decorre por fatores políticos ligados à supremacia europeia na dominação de povos do Terceiro Mundo e a noção de cultura centrada nas produções eurocêntricas.

O Brasil é um país que se constituiu através da colonização portuguesa, logo a literatura aqui produzida estaria voltada para valores da cultura europeia pelo fato de não se terem leitores no Brasil. A população indígena, já existente, era uma sociedade ágrafa, e os poucos homens que escreviam tinham todas as instruções voltadas para a Europa. A produção literária brasileira foi produzida por viajantes que escreviam sobre si e como viam o Outro.

O ciclo literário no Brasil começa no Arcadismo, no qual a produção perpassa por uma tríade poeta, obra e leitor, pois a sociedade brasileira anterior a este período não possuía leitores, tendo em vista que os principais grupos que compunham o país eram os indígenas e escravizados, e o saber letrado ainda era inexistente. No romantismo do século XIX, a literatura adquire certa autonomia, pois com a proclamação da República, buscou-se, através da literatura, construir uma identidade nacional.

Na Europa, o Romantismo voltava-se para as novelas de cavalaria, já o Brasil via no indígena o principal expoente de nossa nacionalidade, flora e fauna compondo um elemento nativo do País. Mas o indígena representado era despido das suas características naturais e carregava os elementos heroicos inspirados nos heróis da cavalaria europeia.

O negro era anteriormente a este período, inexistente na literatura, e desconsiderado para compor nossa identidade, tanto que autores pouco progressistas como Silvio Romero considerava nefasta a sua ausência para as ciências sociais (ORTIZ, 1985 p.32). O pensamento de Romero estava vinculado às instituições sociais, nas quais permeavam os debates raciais, cujo objetivo era comprovar cientificamente a inferioridade racial de povos não europeu. Com a desmontagem do sistema escravocrata, o negro passava a ser considerado humano e livre. As teorias raciais cumpriam então um papel de demarcar uma inferioridade para os negros, pautadas em um conceito de raça, preservando as hierarquias sociais no pós-abolição.

Quando os negros começam a aparecer nas obras literárias, estavam sempre marcados por estereótipos, dos mais variados gêneros como raça e sexo. Esta literatura nutriu-se bastante das teorias raciais construídas naquele período, como naturalismo, positivismo e evolucionismo. Schwarcz (1993) coloca que os escritores daquela época funcionavam como um vulgarizador das teorias raciais, onde muitas obras literárias mais pareciam tratados científicos.

Apesar de todas as adversidades, muitos autores negros escreveram e suas obras não ocuparam o cânone, um espaço privilegiado a pequenos grupos. Reis (1992) traz que somente o teor político não é suficiente para considerar uma obra pertencente ao cânone. Se fosse apenas isso, passaria a ser desconsiderado o papel da crítica literária. Mas este não é um fator determinante para a não incorporação de autores negros, pois a literatura de tradição branca também atende a um interesse político e ideológico de classes.

Regina Dalcastagnè (2012) coloca a literatura como um território que precisa ser contestado na contemporaneidade, no qual diversos grupos não conseguem adentrar o cânone por questões de gênero, raça e classe, como aponta uma pesquisa realizada pela autora, analisando os vencedores dos principais prêmios literários no País:

[...] Mostra que, de todos os romances publicados pelas principais editoras brasileiras, em um período de 15 anos (de 1990 a 2004), 120 em 165 autores eram homens, ou seja, 72,7%. Mais gritante ainda é a homogeneidade racial: 93,9% dos autores são brancos. Mais de 60% deles vivem no Rio de Janeiro e em São Paulo. Quase todos estão em profissões que abarcam espaços já privilegiados de produção de discurso: os meios jornalístico e acadêmico. (DALCASTAGNÈ, 2012 p.14)

Segundo Dalcastagnè, a literatura produzida por autores pertencentes a grupos minoritários causa um mal-estar à elite quando estes passam a se questionarem: por que meu motorista e minha empregada doméstica estão escrevendo? Pois dentro de um espaço que sempre privilegiou o saber erudito, é desconsiderado pessoas que não possuem determinada formação, mas que tem sempre algo a nos dizer:

Pensem no quanto é grande o desejo de escrever para que essas pessoas se submetam a isso – a fazer o que “não lhes cabe”, aquilo para o que “não foram talhadas”. Imaginem o constante desconforto de se querer escritor, ou escritora, em um meio que lhe diz o tempo inteiro que isso é “muita

pretensão”. Daí as suas obras serem marcadas, desde que surgem, por uma espécie de tensão, que se evidencia, especialmente, pela necessidade de se contrapor a representações já fixadas na tradição literária e, ao mesmo tempo, de reafirmar a legitimidade de sua própria construção. E isso aparece seja no interior da narrativa : “**É preciso conhecer a fome para descrevê-la**”, dizia Carolina Maria de Jesus; seja em prefácios, como os de Ferréz, que defende a importância de deixar de ser um retrato feito pelos outros e assumir a construção da própria imagem; ou mesmo em manifestos, como o de Sérgio Vaz, que diz que “a arte que liberta não pode vir da mão que escraviza”; e há ainda as apresentações dos livros, as orelhas e os textos da quarta de capa que reforçam isso, explorando a ideia do lugar de fala do escritor.

(DALCASTAGNÈ, 2012 p.15 grifos nosso)

Na citação acima, Dalcastagnè traz uma fala de Carolina de Jesus, mulher negra semianalfabeta que escreveu sobre sua vida em forma de diários, descrevendo, com maestria, o cenário urbano paulista, além de outros temas recorrentes em sua escrita. Mas permaneceu invisibilizada durante muito tempo pela crítica literária.

Na fala de Carolina de Jesus, “É preciso conhecer a fome para descrevê-la”, parece contrastar com o que Florentina Souza coloca, ao descrever que na literatura afro-brasileira, uma pessoa branca pode, sim, escrever uma história em que a figura negra ocupe um papel central, através de um olhar sensibilizador, mas é necessário a experiência vivenciada pelos afro-brasileiros para legitimar este discurso.

Pensado desta forma, para qual escrita afro-brasileira é necessária a experiência, ao voltarmos no século XIX, nos escritos do poeta Castro Alves, um dos autores precursores em tematizar sobre o negro, vimos que o negro ainda figurou o olhar do outro. Para Proença Filho, o poeta baiano não atribui, na quase totalidade dos seus poemas sobre a escravidão, qualquer movimento de reação ou revolta ao escravo, marcado pela atitude resignada (PROENÇA FILHO, 2004 p.163). Enquanto sujeitos afrodescendentes, questionamos, nos poemas de Castro Alves, que embora reconheçamos sua importância na luta abolicionista, a atitude compromissada com as causas dos afrodescendentes, a luta negra não está ali posta, pois, na maioria das vezes, somente a morte restituirá a humanidade aos escravizados.

Torna-se necessário para os sujeitos negros afrodescendentes ter uma literatura compromissada a falar sobre nós, e nossas vivências, sem o olhar do outro. No que se tem registrado, o negro engajado em uma escrita transgressora, já

aparece desde Luiz Gama (1850-1882), mas só tem presença significativa na década de 60.

O posicionamento engajado só começa a corporificar-se efetivamente a partir de vozes precursoras, nos anos de 1930 e 1940, ganha força a partir dos anos de 1960 e presença destacada através de grupos de escritores assumidos ostensivamente como negros ou descendentes de negros, nos anos de 1970 e no curso da década de 1980, preocupados com marcar, em suas obras, a afirmação cultural da condição negra na realidade brasileira. As vozes continuam nos anos de 1990 e na atualidade, embora com menor presença na repercussão pública.

(FILHO, 2004 p.176)

Assim o afrodescendente deixa de ser refém de uma literatura que o representa, passando a se auto-apresentar em uma literatura que cumpre o papel social de fazer denúncias como a marginalização imposta aos afro-descendentes em um País que vigora no imaginário a ideia de igualdade. Mas também dá novos contornos aos traços negros outrora depreciados.

## 2.2 Representações do corpo negro feminino na Literatura brasileira:

No tópico anterior deste capítulo, abordamos como funcionam as instâncias de legitimação do cânone, atendendo a uma determinada elite objetivando propagar um discurso hegemônico que privilegie suas posições sociais. O que faremos agora é verificar, em breve análise, como as representações para o corpo negro feminino em muitas obras que compõe o cânone da literatura brasileira determinaram lugares e posições sociais destinadas às mulheres negras, cuidadosamente categorizadas em negra, mulata e mestiça:

Depois dos estudos de Michel Foucault, sabemos também que todo discurso é uma violência, uma prática que impomos às coisas e ao mundo. A escrita e o saber, na cultura ocidental, estiveram via de regra de mãos dadas com o poder e funcionaram como forma de dominação. Todo saber é produzido a partir de determinadas condições históricas e ideológicas que constituem o solo do qual esse saber emerge. Toda interpretação é feita a partir de uma dada posição social, de classe, institucional. É muito difícil que um saber esteja desvinculado do poder. (REIS, 1992, p.60)

Na citação acima, Reis mostra as contribuições de Foucault para compreender que todas as produções discursivas sempre são produzidas em uma relação de poder existente entre alguém. Na Literatura brasileira, temos a opressão a grupos minoritários construída através dos discursos literários. Desta forma, nesta literatura, corpos negros e especialmente o corpo negro feminino, são atravessados por formações discursivas escritas pelo olhar do colonizador, em momentos que se alterna entre desejo e escárnio.

Em leituras do ensaio *A trajetória do negro na literatura brasileira*, Proença Filho (2004) aponta para a existência da figura negra desde o século XVII, com os versos do poeta Gregório de Matos, como pode ser lido no trecho do poema *Rainha das mulatas*:

Jelu, vós sois rainha das Mulatas,  
E sobretudo sois Deusa das putas,  
Tendes o mando sobre as dissolutas,  
Que moram na quitanda dessas Gatas  
[...] (Gregório de Matos, XVII)

Conhecido por diversas críticas a personalidade políticas de sua época, nem a mulher africana e afrodescendente escaparam da acidez dos versos de Matos, e embora a mulata apareça neste poema tendo sua beleza evidenciada, o

enaltecimento introjectado pela voz poética a imagem de Jelu, atribuindo-a os títulos de “rainha” e de “deusa”, inversamente, estabelecem para a figuração da mulata o seu rebaixamento moral e social. (SALES, 2011, p.58)

Os versos acima pertencem ao século XVII, quando o aparecimento do negro na literatura era quase inexistente. Sua presença passa a ser mais significativa a partir do século XIX. Nesta literatura, corpos negros passam a ser representados pelo colonizador, que utiliza do estereótipo para fixar-lhes um lugar social:

No campo dos estudos culturais, Homi Bhabha (1998, p.105), em *O Local da Cultura*, ressalta que o estereótipo é a principal “estratégia” do discurso colonial. Trata-se de uma “forma de identificação repetida ansiosamente em conjunturas históricas”, pois o estereótipo produz aquele e quer o “efeito de verdade probabilística”, usado a favor do dominador, responsável pela construção de representações negativas, como é o exemplo da bestial sexualidade do(a) africano(a). É empregada uma forma de figuração sobre o sujeito dominado, cujo objetivo primordial é apresentar o “colonizado como uma população de tipos degenerados com base em sua origem racial”. (SALES, 2011 P.53)

Sendo a literatura produzida no século XIX atravessada pelos discursos vigente naquele período, racismo e sexismo marcam negativamente a mulher negra, uma vez que a sua representatividade foi construída através de imagens de um corpo destituído de humanidade. O corpo negro imprimia uma lascividade agressiva, proveniente de sua cor, necessitando ser controlada. Estes estereótipos para o corpo negro como sensual e altamente dotado de sexo, podem ser vistos e atualizados na literatura contemporânea.

Em muitas representações, a pele negra associa-se ao mal. Apelidada de *cor do pecado*, atribui-se à cor negra a responsabilidade em instigar o desejo masculino. As composições do corpo negro feminino sexualmente permissivo compunha também o objetivo colonial de representar a mulher negra como corpos-objeto, corpos-procriação, pois os filhos de escravizados representavam investimentos econômicos:

A utilização de corpos femininos negros na escravidão como incubadoras para a geração de outros escravos era a exemplificação prática da ideia de que as mulheres desregradas deviam ser controladas. Para justificara exploração masculina branca e o estupro das negras durante a escravidão a cultura branca teve de produzir uma iconografia de corpos de negras que insistia em representa-las como altamente dotadas de sexo a perfeita encarnação de um erotismo primitivo e desenfreado. (HOOKS, 1995, p.469)

Desde épocas remotas, as mulheres são transformadas em objetos do poderio masculino, entretanto para além das representações, na vida social, à mulher negra é reservado um espaço menos privilegiado, corpo estigmatizado em representações que se alternam na mulata sensual ou na mãe preta destinada a servir à casa grande e ao cuidado dos filhos dos senhores:

Essas representações incutiram na consciência de todos a ideia de que as negras eram só corpo sem mente. A aceitação cultural dessas representações continua a informar a maneira como as negras são encaradas. Vistos como símbolo sexual os corpos femininos negros são postos numa categoria em termos culturais tida como bastante distante da vida mental. (HOOKS, 1995, p.469)

Se a mulher branca ocupa um lugar inferiorizado na sociedade, a mulher negra ainda mais, pois nas representações literária – e também socialmente – um aspecto a observar é a ausência de representação da mulher negra como mãe, matriz de uma família negra, perfil delineado para as mulheres brancas em geral. Mata-se no discurso literário a prole da mulher negra. (EVARISTO, 2005, p.53)

Compreendemos a representação como a construção de uma narrativa produzida pelo olhar do outro. Assim, na construção da literatura brasileira feita pelo homem branco, todas as representações construídas sobre a mulher negra, encarregam-se em atribuir seus papéis definidos na sociedade, que perpassam por construções em que a mulher negra é altamente sexualizada, ou trazidas como seres infecundas, sem papel social ativo e que deve ser controlada.

A *Escrava Isaura* (1875), de Bernardo de Guimarães, considerado um romance abolicionista não escapa à representação excludente. Nesta narrativa, a personagem mesmo descendente de escravizados, possui a pele branca, recebendo, por isso, um status diferenciado. Embora ainda permanecendo escravizada. É resignada por não contestar a escravidão, de forma que esta não foi uma romance que prezasse pela abolição. Proença Filho (2004) discute que, ao mostrar a personagem numa posição resignada, o romance não foi uma literatura que prezasse pelo fim do regime escravocrata. O romance traz uma personagem

considerada psicologicamente fraca, condicionada a ocupar um lugar marginalizado, sem contestá-lo, o que pode ser visto através de frases como “Eu não, senhora: apesar de todos esses dotes e vantagens, que me atribuem, *sei conhecer o meu lugar*” (GUIMARÃES apud PROENÇA FILHO, 2004, p.162). Outra reflexão deste autor é que, quando personagens negras aparecem assim como Isaura, são na maioria das vezes mestiças, com a finalidade que lhes sejam possíveis atribuir características destinadas a raça branca.

Segundo Evaristo (2005), um olhar mais aprofundado dentro da Literatura brasileira comprova que a mulher negra sempre teve sua imagem depreciada. Na obra *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, a personagem Rita Baiana é apresentada como uma mulher sedutora que, na maior parte do tempo, tem sua representação bestializada colocando-a somente como um corpo sexual. Sobre o mesmo romance Ortiz (1994) discute que:

Quando se lê um livro como *O cortiço*, publicado em 1890 pode-se perceber as dificuldades que rondam os intelectuais na interpretação de uma sociedade como a nossa. O destino que Aluísio Azevedo reserva a um dos personagens centrais da trama literária, Jerônimo, é os atributos à raça branca: força, persistência, previdência na vida. Porém, ao se amasiar com uma mulata (Rita Baiano), ao se “aclimatar” ao país (troca a guitarra pelo violão baiano, o fado pelo samba), ele se abrasileira, isto é, torna-se dengoso, preguiçoso, amigo das extravagâncias, sem espírito de luta, de economia e de ordem. (ORTIZ, 1985 p.39)

Catalogado na escola literária naturalista, os romances deste período trazem bastante influências das teorias raciais construídas no Século XIX, enxergando o Brasil como um país racialmente atrasado. Através do viés determinista, ele coloca que a mulata Rita Baiana será a responsável por destituir as boas características atribuídas a Jerônimo, culminando no seu fracasso social. Outra personagem que aparece na obra é João Romão, calculista e ambicioso, ascende socialmente no momento em que se distancia da raça negra (ele se desvencilha da negra Bertoleza, com quem viveu grande parte de sua vida) (ORTIZ, 1994, p.39)

Na contemporaneidade, mulheres negras que escrevem somam suas vozes a uma literatura afro-brasileira compromissada em produzir contradiscursos e rasurar formas hegemônicas construídas por escritores brancos, utilizando como ferramenta a auto-apresentação. Para além de um sentido estético, busca semantizar um outro

movimento, ou melhor, se inscreve no movimento a que abriga todas as nossas lutas. Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida. (EVARISTO, 2005, p.54)

No poema a seguir, de Crisitane Sobral, analisaremos como a autora reconfigura a escrita sobre o corpo da mulher negra e seu papel social:

**Black Friday**

Alguns homens sonham com meu corpo  
 Entre os seus lençóis  
 Eles desejam desesperadamente  
 Consumir meu sexo  
 Mas não suportariam meu banzo  
 Meu clamor  
 Não aguentariam vestir a minha pele negra  
 Nem por um segundo

Eles poderiam tomar posse de tudo que sou  
 E até germinar ali os seus filhos  
 Mas sairiam sem olhar pra trás

Esses homens devorariam o meu corpo  
 Com ardor  
 Como lobos sugariam o meu interior  
 Até secar meu ventre...  
 Impunes, voltariam para os seus lares brancos  
 Sem o meu menor pudor

Tenho medo desses homens  
 Que rezam para o criador  
 Que juram um falso amor  
 Eu tenho medo desses homens

Não aceito os seus sorrisos  
 Nem me iludo com as suas promessas  
 Não sou produto com desconto  
 Esqueçam as ofertas

Black Friday  
 Meu corpo nunca estará em liquidação!  
 Para vocês jamais venderei barato  
 O que sempre custará o dobro.

(SOBRAL, 2014, p.63-64)

Inseridas em uma sociedade que desde sempre incluiu representações pejorativas e sexuais para mulheres negras através da literatura e também dispositivos simbólicos, como cinema e músicas, mulheres representadas como

seres pervertidas desperta interesses sexuais dos homens. Pensamos que a escolha da palavra *blackfriday*, remete a sexta feira negra, data que precede o feriado de ações de graças no EUA

Na *blackfriday*, há grandes liquidações de produtos dos mais variados segmentos. Assim, como na letra da música a *Carne, cantada por* Elza Soares, que diz “A carne mais barata do mercado é a carne negra”, o título do poema busca semantizar como, em nosso País, há uma desvalorização das mulheres negras.

A autora continua discorrendo sobre a objetificação de mulheres negras, no qual os homens “[...] desejam desesperadamente/Consumir meu sexo/Mas não suportariam meu banzo”, numa relação de desejo e escárnio, pois o sexo aparece somente como forma de dar o prazer masculino, pois serão ignoradas todas as lutas vivenciadas pela mulher negra afro-brasileira, ao dizer, “mas não suportariam meu banzo”, elas serão abandonadas pelos parceiros, lido nos versos “Eles poderiam tomar posse de tudo que sou/E até germinar ali os seus filhos/Mas sairiam sem olhar pra trás”

As duas últimas estrofes do poema trazem o posicionamento crítico das mulheres afro-brasileiras, ao não se reconhecerem como objetos: “Não aceito os seus sorrisos/Nem me iludo com as suas promessas/Não sou produto com desconto/Esqueçam as ofertas” e finaliza: “Meu corpo nunca estará em liquidação! /Para vocês jamais venderei barato/O que sempre custará o dobro”.

Pensamos na escrita das mulheres afro-brasileiras como um trabalho intelectual, como propõe hooks (1995), ao discorrer que o trabalho intelectual é uma escrita compromissada com as transformações sociais, pois nesta escrita, a mulher se auto-apresenta não mais como um corpo-objeto, mas passa a se apresentar como um ser autossuficiente.

### CAPÍTULO III

## CORPO E CABELO COMO SUPORTES SIMBÓLICOS PARA A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA.

### 3.1 Fazendo a cabeça: a identidade negra como forma de desconstrução do mito da democracia racial

#### Fazendo a Cabeça

A cabeça é lugar precioso na minha escrita  
 Quem tiver ouvidos para ouvir ouça  
 A cabeça deve ser feita  
 Ou desfeita  
 Pra se refazer.  
 (SOBRAL, 2014 p.131)

A identidade nacional brasileira estabeleceu-se mestiça e foi construída através de sincretismos culturais, com o objetivo de construir no imaginário da população a ideia de pertencimento cultural comum a um só povo. É neste sentido que questionamos qual a funcionalidade de uma literatura se afirmar como Literatura afro-brasileira, tendo como o objetivo de construir uma identidade negra, buscando discutir e rasurar a identidade nacional tal como ela foi concebida pela intelectualidade brasileira.

Em leitura do livro *Rediscutindo a mestiçagem no pensamento brasileiro*, do antropólogo Kabengele Munanga (2008), nota-se, que, embora a identidade cultural brasileira tenha se estabelecido como mestiça, a construção da ideia que a mestiçagem brasileira sempre foi pacífica é um erro, pois desde o período colonial, a relação inter-racial foi marcada por violência, quando a falta de mulheres brancas nas colônias portuguesa fez com que os senhores de escravos violentassem sexualmente o corpo das escravizadas que, para o discurso da época, eram vistas como corpo sem mente e dotadas de uma sexualidade lasciva, como pode ser lido em hooks (1995), e nas poesias de Gregório de Matos produzindo iconografias da mulher mulata como prostituta.

Esta identidade mestiça privilegiou apenas grupos dos setores hegemônicos sociais, uma vez que nos debates das teorias raciais, a miscigenação foi utilizada

como forma de garantir a sobrevivência dos europeus nos trópicos, sendo a miscigenação celebrada apenas quando apagados os traços negróides da população negra e mestiça que povoava o País no século XIX. Oportuno dizer aqui que elementos da cultura negra foram incorporados à cultura popular, mas ao sujeito afrodescendente não foi possibilitado o acesso a muitos espaços culturais.

Leituras também de Schwarcz (1993) mostram que a questão racial foi sempre um problema para o Brasil que se mostrava atrasado em relação a outros países. A mestiçagem era uma realidade inegável e a identidade nacional não poderia mais ser pensada fora desta realidade.

Os debates raciais que estiveram em cena desde meados do século XIX entravam em declínio, tornando impossível limitar a espécie humana a categorias raciais, quando por volta de 1930, há a passagem do conceito de raça, para cultura, que viria a sanar muitas lacunas epistemológicas advindas das teorias que concebiam a humanidade como raças, que na visão do Conde Gobineau, quando esteve no Brasil, a miscigenação foi responsável pela ruína de diversos povos. Tendo como principal expoente a obra *Casa-Grande & Senzala* de Gilberto Freyre. O diferencial de Freyre foi ter mostrado que negros, índios e mestiços tiveram contribuições positivas na cultura brasileira: “influenciaram profundamente o estilo de vida da classe senhorial em matéria de comida, indumentária e sexo” (MUNANGA, 2008, p.76)

O mito da democracia racial promovia a ideia de que, no Brasil, todas as diferenças viviam em harmonias, e em iguais condições de ascensão social, independentemente da cor da pele, quando, na verdade, acontece o contrário, pois embora tenha se estabelecido a raça humana como monotípica, sociólogos dirão que existem raças sociais. O período escravocrata deixou marcas profundas na sociedade brasileira, estabelecendo hierarquias sociais. A abolição da escravatura não significou necessariamente a incorporação dos negros à vida social, sendo-lhes negado a cidadania plena.

A literatura foi um importante veículo de reprodução da visão depreciativa para diferentes grupos minoritários, fixando-lhes lugares que tais pessoas poderiam ocupar: “[...] os perfis da África e dos africanos são elaborados pela empresa

ocidental e colonial com o objetivo de fixar-lhes um lugar político e social” (SOUZA, 2005, p.53).

Houve, em nossa sociedade, uma tentativa de apagamento de traços culturais das sociedades africanas, bem como a fusão de alguns deles com a cultura popular e nacional, entretanto os negros sempre permaneceram marginalizados e sem acesso a bens culturais e sociais. Destacamos aqui que a cultura afro-brasileira é uma cultura que reexiste ao longo do tempo, sobretudo através de sincretismos, uma das formas adotadas pelos africanos para preservarem sua cultura na diáspora.

A literatura afro-brasileira tem por objetivo trazer em cena a discussão de uma identidade negra, cujo objetivo é conscientizar os afro-brasileiros acerca do falso mito da democracia racial, denunciando a existência da diferença entre os povos, mostrando que negros sempre estiveram ocupando os papéis menos privilegiados da sociedade, despertando-os para a consciência crítica sobre si próprios.

Entretanto, como começa Kabenguele na introdução do já citado livro, os movimentos negros trilharão um longo caminho na conscientização de todos, pois, essa ideologia, (mestiçagem) caracterizada entre outros pelo ideário do branqueamento, roubou dos movimentos negros o ditado “a união faz a força”, ao dividir negros e mestiços e ao alienar o processo de identidade de ambos (MUNANGA, 2008, p. 15)

A literatura afro-brasileira perpassa por temas em que uma escrita na qual o personagem negro e afrodescendente passa de objeto a sujeito enunciador trazendo imagens positivas sobre sua etnicidade, como também é uma literatura que desnuda a violência vivenciada, podendo dizer que a literatura afro-brasileira assim como muitos movimentos negros:

[...] Tentam construir uma identidade a partir das peculiaridades do seu grupo: seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupo estigmatizado, racializado e excluído das posições de comando na sociedade cuja construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupo étnico-racial que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada. Essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente. (MUNANGA, 2008, p. 14)

Desta forma, a identidade negra vai se construir através de imagens que desconstroem a ideia de unidade cultural, e faz um resgate da ancestralidade, a fim de construir uma identidade negra oposta a uma identidade mestiça. No poema abaixo, Cristiane Sobral tece críticas sobre o mito da democracia racial:

**Mentiras**

Igualdade que descaracteriza  
 Mistura que não traz envolvimento  
 Diferença que inferioriza  
 Falácias de um país em desenvolvimento

Alma pintada de branco  
 Socialismo burro e manco  
 O racismo continua sendo tratado como brincadeira  
 Mas para negros e brancos  
 O sapato não aperta da mesma maneira

Ousem olhar para trás  
 Tratem desigualmente os desiguais  
 Abaixo o mito da democracia racial, essa piada  
 Abaixo à miscigenação subordinada

Mentiras à luz do dia  
 Mentiras num tom de ironia  
 Mentiras sinceras  
 Insanas quimeras

Mentiras, mentiras, mentiras  
 Hipócritas, essas feras  
 A embranquecer meu juízo  
 Mentiras que pulverizo  
 Com sangue que ainda jorra das peles pretas  
 Pingando gotas de negra verdade. (Sobral, 2014, p.53)

O poema que traz por título “Mentiras”, consiste em uma crítica ao discurso de igualdade nacional que busca promover a ideia de uma relação étnico racial pacífica entre o povo brasileiro. Na primeira estrofe, a autora traz o verso “igualdade que descaracteriza”, pois para a construção de uma identidade nacional é necessário realizar também o apagamento de diversas culturas, resultando num irreconhecimento por parte dos afrodescendentes ao ter sua cultura negada e elementos de sua etnicidade estereotipados e depreciados, uma vez que a miscigenação não pode ser desvinculada de propostas eugênicas (que, através da imigração europeia para substituir a mão de obra dos ex-escravizados, tinha por objetivo diluir o sangue negro do povo brasileiro).

O verso que segue “mistura que não traz envolvimento/Diferença que inferioriza” desconstrói a ideia que foi preestabelecida da miscigenação como elemento pacífico, quando, na verdade, o objetivo principal foi embranquecer a população, promovendo o apagamento de traços negróides. Na estrofe seguinte, a autora traz o verso “alma pintada de branco” aludindo para a ideia da construção identitária nacional ser centrada em valores culturais eurocêntricos, em que predomina a estética branca, fazendo com que afro-brasileiros negociem sua diferença abrindo mão de elementos identitários de sua origem africana, buscando sempre um padrão estético e cultural branco. Podendo ser dito ainda, que no Brasil é bastante complexo o pertencimento a um determinado grupo étnico, tendo em vista que não só cor da pele é determinante, o processo de miscigenação alienou também o negro, fazendo com que ele não se reconheça como tal. A maior parte das populações afro-brasileiras vive hoje nessa zona vaga e flutuante. O sonho de realizar um dia o “*passing*” que neles habita enfraquece o sentimento de solidariedade com os negros indistigáveis. (MUNANGA, 2008, p. 83).

Esta alma pintada de branco, pode ser pensada como a tentativa de o afro-brasileiro tentar ingressar na cultura branca, por considerá-la superior. Para a sociologia, o conceito de “*passing*” colocado por Munanga (2008) é a capacidade que um indivíduo possui de trocar sua identidade, para uma melhor aceitação.

Quando a autora traz os versos “ousem olhar para trás/Tratem desigualmente os desiguais”, considerando todo processo de exclusão vivenciados pelos afro-brasileiros, é necessário a incorporação de políticas públicas, constituindo uma nação verdadeiramente igualitária para todos, pois no período pós-escravidão os negros que antes sustentaram a economia brasileira, foram adjetivados como preguiçosos e impróprios para o trabalho assalariado, necessitando recorrer aos imigrantes para realizar os mesmos trabalhos. Ao não terem para onde ir, mantiveram-se em posse de seus senhores ou refugiaram-se nos subúrbios da cidade, um ambiente marginalizado, onde muitos dos seus descendentes se encontram até hoje, tendo dificuldades à sua ascensão social.

Ao dizer “ouse tratar desigualmente os desiguais”, a autora dialoga com princípios dos termos jurídicos de igualdade e isonomia. Em relação a esta lei, todas as pessoas devem ser tratadas de forma igualitária sem nenhum privilégio,

entretanto, segundo o princípio de isonomia deve se equiparar socialmente pessoas que não possuem a mesma igualdade material.

Nisto trazemos como exemplo o sistema de cotas para negros nas universidades que funciona como uma forma de oportunizar jovens negros de baixa renda, seu ingresso nas universidades não sendo uma forma de privilegiá-los, mas em relação a todas desigualdades sociais vivenciada por esses grupos, possibilitar seu ingresso na universidade como uma forma de repará-los, pois sendo a população brasileira majoritariamente negra e mestiça, apenas uma minoria está nas universidades.

Essa busca por igualdade social só será possível quando os afro-brasileiros tomarem consciência de si mesmos, para que possam se engajar na luta por transformações sociais, ao perceberem que o racismo “à brasileira”, diferente de outros países que vivenciaram a escravidão criando leis segregacionistas, opera através de outras formas de violência, consideradas uma violência simbólica; não é um confronto direto, mas ideológico e midiático, no qual negros desempenham ainda os mesmos papéis subalternos de motoristas, empregados, e faxineiro dentre outros. Esta violência simbólica pode ser vista em muitas empresas que, antes de contratarem seus funcionários, solicitaram nos requisitos “ter boa aparência”, cujo sentido pode ser lido, nas entrelinhas, como uma aparência não negra, fato já denunciado pelo movimento negro.

Ainda nessa estrofe, a autora segue “abaixa o mito da democracia racial, essa piada”, ou seja, somente a desconstrução deste mito possibilitará a desconstrução da ideia de igualdade entre povos, pois ao aceitar esta falsa igualdade, haverá uma inviabilização da luta por ações sociais que visem promover o fim do preconceito racial, uma vez que, ao se acreditar viver todos em harmonia, a luta para os afro-brasileiros seria hipoteticamente contra algo que não existe.

Na última estrofe, a autora enfatiza, “mentiras, mentiras, mentiras”. Acreditamos utilizar da repetição como forma de levar seus leitores a conscientização das desigualdades vivenciadas, sendo a ideia de harmonia uma mentira. Seguido do verso “A embranquecer meu juízo, mentiras que eu pulverizo”, a autora traz a palavra “embranquecer” com duas conotações: a visão de que tudo está claro, em relação à ausência de criticidade e o embaquecimento oposto de

enegrecer, referenciando o processo identitário, cuja obra produzida por Sobral busca inculcar nos seus leitores a consciência de uma identidade negra.

A identidade é um processo de identificação em que ao se compreender como diferente do outro, o indivíduo fixa-se a um grupo por sentir-se pertencente àquela comunidade por práticas culturais em comum. Em *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*, Renato Ortiz (1994), discute como foi construída a identidade do brasileiro, analisando o processo histórico como os intelectuais pensaram na diferença brasileira existente entre povos, e como construíram uma identidade nacional diante da realidade encontrada. Para Silva:

A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes. (SILVA, 2011, p.81)

Assim, quando se fala na construção de uma identidade, o autor mostra que não pode existir uma identidade sem relações de poder, e para que esta exista é necessário que haja uma diferença, só podemos assumir uma identidade em relação ao outro e ao que nos falta. Para a construção da identidade brasileira foi forjado um modelo de identidade que atendesse um determinado grupo político, já que diante de todo o processo de diásporas vivenciando dentro do país, uma igualdade cultural é uma realidade utópica. Nisto Ortiz (1994) questiona:

A questão que se coloca não é de saber se a identidade ou a memória nacional apreende ou não os “verdadeiros” valores brasileiros. A pergunta fundamental seria: quem é o artífice desta identidade e desta memória que se querem nacionais? A que grupo social elas se vinculam e a que interesse elas servem? (ORTIZ, 1994 p.139)

Hall (2011) sucinta que, as identidades que tinham unificado o sujeito, têm entrado em declínio, resultando na produção de um novo sujeito, descentrado, um indivíduo que não reconhece a si mesmo, o que criou o agravante na crise de identidade. Nas palavras do autor:

[...] As identidades modernas têm entrado em colapsos, os argumentos se desenvolvem da seguinte forma. Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade,

etnia, raça e nacionalidade que no passado nos tinha fornecido solidas localizações como indivíduos sociais. (HALL, 2011, p.9)

As concepções de identidade que se tinha ao longo do tempo estiveram centradas com o conceito de sujeito em diferentes épocas, podendo destacar três tipos de sujeito. Para Hall, o sujeito do Iluminismo a identidade era inata, nascia e se desenvolvia com o indivíduo, um sujeito masculino e autossuficiente, cuja identidade era produzida na individualidade.

O sujeito no socialismo dependia de outros “eus”, de forma que sua identidade não era produzida no individual e sim no coletivo; a identidade era construída na interação com a sociedade. Nesse caso, o sujeito passa a ser formado e modificado pelo contato exterior com diferentes mundos, em contraposição com o sujeito cartesiano do iluminismo: “penso, logo existo”.

O sujeito pós-moderno vive em conflito, vivenciado a chamada “crise da identidade” já que muitas vezes o seu “eu” experimenta a perda de identidade o sentimento de não pertencimento a uma determinada realidade, produzindo o deslocamento ou descentramento.

No conceito de identidade formulado por Hall, quando um indivíduo assume uma identidade, ele realiza uma sutura, isto é, ele costura-se a um posicionamento discursivo, pois a identidade é construída dentro de uma formação discursiva. Como exemplo, afirmar “Eu sou negro” é assumir mais que um enunciado linguístico. É legitimar um discurso com o qual há um reconhecimento, pois no contexto da crítica cultural, ser negro não é apenas um traço fenotípico da cor da pele, e sim um conjunto de práticas culturais. Nesse entendimento, a identidade é um processo de identificação nunca completo, podendo estar sempre sendo reivindicada. Para a nossa identificação, é necessário estar em oposição ao outro; identidade e diferença estabelecem rígidas ligações; é a partir do outro que dizemos aquilo que não somos:

É fácil compreender, entretanto, que identidade e diferença estão em uma relação de estreita dependência. A forma afirmativa como expressamos a identidade tende a esconder essa relação. Quando digo “sou brasileiro” parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota a si mesma. “Sou brasileiro” – ponto. Entretanto eu só preciso fazer essa afirmação porque existe outros seres humanos que *não* são brasileiros. (SILVA, 2000, p. 74-75)

Ao se falar em uma identidade negra, vamos pensá-la através do sujeito fragmento que vivência esta crise de identidade ao não se reconhecer como brasileiro dentro do seu País, que propõe uma identidade mestiça, mas que os sujeitos estejam mais próximos das características desejadas branca.

Parece imprescindível falar de identidade negra sem recorrer, ao conceito de “Negritude”, cujo movimento que se desenvolveu na França, e o termo foi dado por Aimé Césaire, em 1935, movimento que influenciou negros de diversos países a buscarem sua identidade. Segundo Bernd (1988), este termo é bastante polissêmico e sua definição nunca foi tão pacífica. Entretanto, a autora o traz em dois sentidos: “negritude” (substantivo próprio), como momento pontual na história, sobre o movimento de tomada de consciência por parte dos negros. E negritude (substantivo comum), “é utilizada para referir à tomada de consciência de uma situação de dominação e discriminação, e a conseqüente reação pela busca de uma identidade negra” (BERND, 1988 p.20).

Segundo Bernd (1988), a palavra *negritude* tem uma força de expressividade, e agressividade que se perde no português, pois no francês a palavra é derivada do termo pejorativo *négre*, sendo a ideia utilizar uma palavra antes usada para atacar, revertendo-lhe o sentido, que passa a ser ostentado, como forma de desarmar o outro.

Entretanto discordamos desta perda total de sentido, pois acreditamos ser um ato empoderador se reconhecer como negro em um país que, através da mestiçagem, criou vários eufemismos para que o negro não se reconheça como tal, como atenta Munanga após constatar no estudo do historiador Clóvis Moura, mais de 136 cores para designar o sujeito afro-brasileiro após o censo de 1980:

[...] Citado este total de cores demonstra como o brasileiro foge de sua realidade étnica, de sua identidade, procurando, mediante simbolismo de fugas, situar-se o mais próximo possível do modelo tido como superior, isto é, branca “a identidade étnica do brasileiro é substituída por mitos reificados, usados pelos próprios não-brancos e negros especialmente, que procuram esquecer e/ou substituir a concreta realidade por uma enganadora magia cromática na qual o dominado se refugia para se aproximar-se simbolicamente, o mais possível, dos símbolos criados pelo dominador”. (MUNANGA, 2007 p.121)

Assim a literatura produzida por Cristiane Sobral vem ressignificar o termo negro, para que o sujeito afrodescendente, desvincule-o do sentido negativo e passe a ostentá-lo, construindo uma sutura a identidade negra e dentro da crítica cultural o processo de fragmentação vivenciado pelo indivíduo na pós-modernidade ou modernidade tardia, vai nos possibilitar pensar no sujeito brasileiro afrodescendente como um ser incompleto e fragmentando, que necessita suturar-se a uma identificação para reivindicar seu papel social.

[...] As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver, entretanto, com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Têm a ver não tanto com as questões “quem nós somos” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões **“quem nós podemos nos tornar”**. **“Como nós temos sido representados”** e **“como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”**. Elas têm tanto a ver com a invenção da tradição quanto com a própria tradição, a qual elas nos obrigam a ler não como uma incessante reiteração, mas como “o mesmo que se transforma”. (GILROY, 1994): (HALL, 2011 p.108-109 grifos nossos)

Ao assumir uma identidade negra em sua poesia, Sobral, assim como muitos escritores afro-brasileiros, volta-se para a África como polo identificador, trazido algumas vezes, por meio de elementos diretos, falando do próprio continente, de povos como bantos e iorubás, ou em outros momentos através de palavras que remetem à identidade como, banzo, ancestralidade e raiz. Entretanto considerando o processo de diáspora vivenciado pelas diferentes etnias africanas cujos métodos de escravização foram separar os escravizados em territórios brasileiros, para evitar rebeliões, a África nesses poemas é vista como um retorno utópico a como uma comunidade homogênea imaginada e mística.

Nos poemas afro-brasileiro, o negro passa de objeto para sujeito enunciador, em uma escrita compromissada em desconstruir o estereótipo, e reverter os sentidos de palavras antes usadas para lhes depreciar, como podemos ver no poema abaixo:

**Ancestralidade na alma**

Eu não olho para o chão

Minha alma não está nos meus pés

Não sou bicho de estimação

Meus dentes brancos não desperdiçam risos fúteis  
 Meus quadris largos não servem apenas para gingar  
 Meus seios fartos talvez não sejam destinados a amamentar

Eu não olho para o chão  
 Minha alma não está nos meus pés  
 Não sou bicho de estimação

Não sou animadora de festa  
 Nem carrego todos nas costas  
 Não sou o anjo negro consolador

Eu não olho para o chão  
 Minha alma não está nos meus pés  
 Não sou bicho de estimação

Escrevo palavras negras  
 Tatuando  
 A ancestralidade na alma  
 Para refletir nossa luz  
 (SOBRAL, 2014 p.37)

Neste poema, o sujeito enunciativo afro-brasileiro desconstrói as imagens depreciativas que colocaram negros como sujeitos subalternos. Quando na primeira estrofe, são trazidos os versos “Eu não olho para o chão/Minha alma não está nos meus pés/Não sou bicho de estimação”, ou seja, não é um sujeito que abaixa a cabeça sempre, em sinal de resignação, mas um sujeito ativo.

Nota-se, também, que este poema tem uma voz enunciativa feminina visível em “Meus quadris largos não servem apenas para gingar/Meus seios fartos talvez não sejam destinados a amamentar”, nos quais a autora desconstrói a sexualização animalizada da mulher negra que no contexto brasileiro pode ser pensado na categoria de mulata de carnaval, compreendido pelo verbo “gingar” ou mulher negra destinada a cuidar dos outros, aquela que alimenta, como pode ser lido no ensaio da autora afro-americana bell hooks, a qual analisa a vida de mulheres negras no pós-colonialismo, constatando como o discurso hegemônico buscou, através das representações negativas, fixar-lhes um lugar social de mulheres destinadas a servir:

Do outro lado das representações das negras como selvagens sexuais desqualificadas e/ou prostitutas há o estereótipo da mãe preta. Mais uma vez essa imagem registra a presença feminina negra como significada pelo corpo neste caso a construção de mulher como mãe peito amamentando e sustentando a vida de outros. Significativamente a proverbial mãe preta cuida de todas as necessidades dos demais em particular dos mais

poderosos. Seu trabalho caracteriza-se pelo serviço abnegado. (HOOKS, p.469-470)

Novamente Sobral volta com os versos “Eu não olho para o chão/Minha alma não está nos meus pés/Não sou bicho de estimação” que nos leva a pensar essa repetição como um recurso didático, como traz Souza (2005), ao analisar as produções de Cadernos Negros. Para a Souza, a repetência aparece como uma forma lúdica de convencer os leitores de alguma coisa, pois muitas das vezes as produções afro-brasileiras são direcionadas a pessoas com baixa escolaridade, cujo hábito da leitura não é tão frequente, assim esta repetência busca persuadi-los sobre algo, tendo assim um caráter pedagógico.

Por fim Sobral acrescenta que em seu processo de escrita: “Escrevo palavras negras/Tatuando/A ancestralidade na alma/Para refletir nossa luz” podemos dizer que esta ancestralidade na alma é a volta à África como forma de garantir uma ligação entre afro-brasileiros:

Quando um grupo precisa construir seu discurso identitário recorre à memória histórica para fixar os elementos que, no passado, constituíram a vida grupal e foram utilizados para categorizá-los; erigirá uma imagem que possibilite ao grupo reconhecer para si e para os outros suas diferenças étnicas, culturais, ou históricas, úteis e imprescindíveis para a construção do discurso identitário. A diferença agrupa e congrega a fim de, simultaneamente, fugir e inserir-se na homogeneação imaginada. (SOUZA, 2005 p.61)

### 3.2 Refazendo a cabeça: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra:

Através do corpo e do cabelo, podemos pensá-los como um elemento importante na composição das identidades em nossa sociedade, permitindo-nos, através do cabelo fazermos diversas leituras sociais de pessoas e grupos.

Os afros-descendentes têm de lidar com uma realidade em que os cabelos são qualificados entre “bom” e “ruim”, e devido a todo o racismo vivenciado, recai sobre o cabelo crespo imagens depreciativas, considerando-o como “cabelo ruim”, o que acaba acarretando diretamente a forma como o sujeito se enxerga, e como este irá ressignificar o cabelo na construção de sua identidade:

Dentre as muitas formas de violência imposta aos escravos e à escrava estava a raspagem do cabelo. Para o africano escravizado esse ato tinha um significado singular. Ele correspondia a uma mutilação, uma vez que o cabelo para muitas etnias era considerado como marca de identidade e dignidade. Esse significado social do cabelo negro atravessou o tempo, adquiriu novos contornos e continua com muita força entre os negros da atualidade. (GOMES, 2012 p9-8)

Pensar-se em corpo e cabelo para compor uma identidade negra está diretamente ligado à sua relevância para as culturas africanas, na contemporaneidade, atualizadas na diáspora<sup>6</sup>, pois trazidos de forma violenta para outros países sem nenhum bem material, o corpo negro expressou um território marcado por diversos significados, saberes e memórias.

Na atualidade, para a cultura afro-brasileira, o cabelo crespo ganha um caráter identitário ao não ser alisado, pois a prática de alisá-lo vem de uma ideia preconceituosa que estigmatizou o cabelo crespo, alienando os afro-brasileiros a modificá-los em busca de um padrão eurocêntrico; Dessa forma, Gomes (2012) diz que:

O cabelo negro, visto como “ruim” é, expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre o sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar de inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (GOMES, 2012 p.3)

---

<sup>6</sup> Diáspora significa a dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos. A diáspora africana ou diáspora negra como é conhecida, constitui o fenômeno histórico e sociocultural, o qual os africanos foram transplantados forçosamente para diversos países para o trabalho escravo

A prática de alisar os cabelos não é restrita apenas às pessoas que possuem a estrutura do fio crespa, pois podem também ser observados em diversas campanhas publicitárias, produtos destinados para pessoas que já tem o cabelo naturalmente liso, deixa-lo ainda mais liso. Entanto em nossa sociedade, alisar os cabelos implica outras discussões que não podem ser desvinculadas às questões raciais que estão implícitas neste processo, indo além da autonomia do sujeito em decidir sobre novas formas de usar o cabelo.

Muitas vezes, os sujeitos vivenciam em ambientes sociais uma inaceitação dos seus cabelos crespos, por serem considerados feios, e desejando sentirem-se bonitas, de acordo com padrões eurocêntricos, especialmente o público feminino recorre ao alisamento. Logo podemos dizer; “as mulheres negras continuam obcecadas com os seus cabelos, e o alisamento ainda é considerado um assunto sério. Insistem em se aproveitar da insegurança que nós mulheres negras sentimos com respeito ao nosso valor na sociedade de supremacia branca” (HOOKS, 2005, p.1).

Não podemos desvincular o alisamento capilar como semelhante às propostas eugênicas que buscavam através da miscigenação, promover um apagamento de traços negróides através de uma sucessão de nascimentos desejáveis. O estereótipo de cabelo “ruim” procura imprimir nas pessoas possuidoras deste, a sensação de mal-estar e desconforto, estimulando-as a recorrerem ao alisamento, apagando assim um traço que se mostra importante para a constituição identitária. Para as mulheres afro-brasileiras, o cabelo torna-se algo que precisa ser controlado, pois há uma relação entre o alisamento capilar e sua ascensão social no mercado de trabalho, uma das práticas de alisamento recebe o nome de escova progressiva, estabelecendo ligação com a ideia de progresso social.

Se pensado em categoria de classificação racial no contexto brasileiro, textura do cabelo e cor da pele são determinantes para categorizar as pessoas em grupos étnicos durante o senso demográfico, possibilitando através destes, firmar um reconhecimento a um grupo. Com isso, não se pretende esvaziar o significado do

processo tão complexo que é a classificação racial no Brasil, em que classe também se mostra relevante para estas designações. (GOMES 2012 p.4)

O padrão estético brasileiro é centrado na estética branca, entretanto nossa realidade étnica é negra e mestiça. O cabelo, por ser possível de ser transformado por inúmeros processos químicos, possibilita ao indivíduo transitar entre ambas realidades raciais, mas através dos discursos hegemônicos, construído através de vários processos simbólicos, busca-se mostrar que somente o cabelo liso é socialmente aceito, pois é bonito.

A possibilidade de moldar os cabelos para atender um determinado padrão, pode gerar conflitos identitários para o que é ser negro dentro da cultura afro-brasileira, não que o simples fato de alisar ou não os cabelos faça com que o sujeito se incorpore a um novo grupo racial; o fato é que, dentro da cultura negra, o cabelo crespo funciona como um dos diversos instrumentos simbólicos para compor a identidade negra.

No Brasil, corpo e cabelo mostram-se significativos na composição da identidade negra, pois alisar os cabelos pode ser considerado como um *passing* da identidade racial negra à mestiça.

Ao se considerar como o mito da democracia racial construiu no imaginário da população uma ideia de igualdade biológica e étnica, como produtos da mestiçagem, leituras de Hall (2011) nos mostram que, na identidade cultural, tem-se um sujeito fragmentado. Dada a realidade brasileira, a nossa igualdade é utópica; a nossa identidade é construída, a todo momento, por processos simbólicos e inconscientes. Assim, podemos dizer como coloca Gomes (2012), parafrazeando Souza: “Ser negro no Brasil é tornar-se negro, em referência a construção da identidade negra para a população afro-brasileira”.

Dentro deste quadro, “tornar-se negro” é a descoberta de ser negro na realidade brasileira, que sempre buscou fragmentar os indivíduos negros e afrodescendentes desde a escravização, ao separar membros da mesma etnia com o objetivo de dificultar revoltas; também produziu discursos em que o negro aparece desumanizado, criando uma recusa dos afro-descendentes em se reconhecerem como negros, buscando tornar-se branco por considerar este superior, incorporando em novas categorias cromáticas, mais próxima possível da realidade considerada

superior. Assim, “torna-se negro” acontecerá em um processo de desvinculação do signo negro, de um significante negativo.

O cabelo mostra-se como elemento simbólico diacrítico<sup>7</sup> da identidade negra, pois a escolha de não alisar os cabelos traz em discussão a não aceitação dos padrões eurocêntricos de beleza, as diferentes formas de uso do cabelo crespo aparecem como uma valorização da estética negra:

O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. (GOMES, p.2)

Hooks (2005) traz que, nos anos 1960, no EUA, negros que participavam ativamente nas lutas contra o racismo segregacionista vivenciado no país, percebiam na prática de alisar os cabelos uma interiorização do racismo pela cultura negra, resultante em uma inaceitação de que seriam bonitas com o seu cabelo natural, sem nenhum procedimento químico de alisamento.

Percebendo este processo como reflexo de uma mente colonizada — centrada em valores do colonizador — e preocupados em erradicar esta realidade, os penteados afros ganharam uma relevância, especialmente o *Black power*, como símbolo de resistência cultural, de forma que jovens ligados à militância política pararam de alisar seus cabelos, atribuindo-lhes relevância, uma vez que promovia uma opinião contrária à sociedade, que determinava o cabelo alisado como único a ser aceito.

Embora, neste movimento, tenha havido um rompimento entre a relação estética e política, e membros que participavam avidamente da militância tenham alisado seus cabelos, seu papel transformador para vida dos afros descendentes de diversos países foi muito significativo, pois passou a oferecer novas alternativas para o uso do cabelo, quando os sujeitos só concebiam a ideia de serem bonitos se estivessem com os cabelos alisados.

Destacamos também, como aponta hooks, que o capitalismo, mais uma vez, se aproveitou dos negros, pois se antes, as mulheres negras afro-americanas

<sup>7</sup> Em antropologia o termo “diacrítico” aparece como algo que marca a diferença entre raças. Usamos este termo como coloca Gomes “No caso dos negros, o cabelo crespo é visto como um sinal diacrítico que imprime a marca da negritude nos corpos.” (GOMES, 2012, p.7).

alisavam seus cabelos em casas, ou em grupo de mulheres, de modo artesanal com um pente metálico aquecido ao fogo, em um ambiente no qual se promoviam conversas e afetividades, os processos químicos inovadores transformavam as mulheres em sujeitos consumo, cujos produtos eram e ainda são muito caros.

Os procedimentos de alisamento dividem-se em duas formas, através de procedimentos químicos, ou mecânicos produzidos por instrumentos como *chapinha*, *bobs* e *escovas*, e quase sempre oferecem riscos à saúde das pessoas.

Com o objetivo de desconstruir a ideia de que somente o cabelo liso é bonito, para mulheres afro-brasileiras o cabelo aparece como elemento significativo na poesia produzida por Cristiane Sobral onde ocupa lugar importante para a composição da identidade negra. No livro *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz* (2014), publicado pela editora *Brasília*, aparece logo na capa a ilustração de uma mulher negra sobre dois holofotes, sobre um plano de fundo em preto e branco, ostentando um penteado *black*.

O título da obra é bem sugestivo, *Só por hoje vou deixar meu cabelo em paz*, que em primeiras leituras nos questionávamos, se seria por somente por um dia ou apenas uma vez, e talvez por um curto espaço de tempo que os interlocutores abriram mão dos procedimentos para alisarem os cabelos quando, na verdade, é um convite às mulheres afro-brasileiras a conhecerem os seus cabelos.

Ainda em *Alisando o nosso cabelo*, hooks faz considerações importantes sobre suas conversas com suas alunas, ao questionarem os porquês delas não pararem de alisar os cabelos, e as respostas eram sempre próximas de “eu não ficaria bonita com esse tipo de cabelo” quando na verdade alisando o cabelo desde crianças, mulheres negras não conhecem seu próprio cabelo. *Deixar o seu cabelo só por hoje em paz*, é abrir mão de alisarem seus cabelos uma única vez na vida para terem a oportunidade de conhecer o seu corpo/cabelo e não mais odiá-lo, descobrirem que podem ser bonitas de outras formas. E talvez não mais voltarem a alisá-lo.

No poema seguinte, temos um exemplo de como Sobral elege o cabelo como símbolo de empoderamento negro. Numa perspectiva emancipatória, empoderar é o processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades angariam recursos que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão (HOROCHOVSKI; MEIRELLES apud SANTOS, 2015 p.7).

**Tridente, o meu pente**

O meu pente é diferente  
 Funciona muito bem  
 Não é um pente ruim!  
 É próprio para o meu próprio pixaim.

Não deboche  
 Não provoque  
 Vou deixar você sem jeito  
 Espetar seu preconceito

Meu cabelo não é duro  
 Nem bom, nem ruim, nem melhor  
 Afirmo a dialética da percepção  
 A alteridade se ser como eu sou

Não deboche  
 Não provoque  
 Vou deixar você sem jeito  
 Espetar seu preconceito

Diferente, o meu pente  
 Quase um tridente  
 Transforma a ordem  
 Sem desordem

Diferente, o meu tridente  
 Diante do princípio do caos  
 Convida o sistema a refazer as suas concepções  
 Para desafiar a história única

(SOBRAL, 2014, p.21)

A palavra “tridente”, no poema acima, faz alusão ao pente utilizado para fazer o penteado *back power*, que é semelhante a um garfo. A escolha da palavra também não pode ser desvinculada do uso que se tem na mitologia grega. O tridente é um instrumento usado pelo deus dos mares e exerce poder sobre o controle do mar, estabelecendo-se, assim, a comparação entre os poderes e a ação de se empoderar, através do uso que se faz do cabelo.

O cabelo aparece como suporte simbólico para o empoderamento, pois ele é algo que é pessoal, mas também é lido socialmente, como um contradiscurso a prática de alisar os cabelos como sinônimo de uma mente colonizada. O uso do cabelo crespo corresponde a um ato empoderador que é individual. Empoderar-se é um ação em que os indivíduos se emancipam, isto é, eles adotam costumes e modos de viver por escolha própria, rompendo com padrões preestabelecidos, cujo

objetivo de todos indivíduos seria a tentativa de chegar o mais próximo deste padrões.

A ideia de poder está ligada à capacidade que um indivíduo poder exercer sobre outros, pensado no uso social dos cabelos por concepções racistas, há uma desvalorização do cabelo crespo e valorização do cabelo liso. Quando o indivíduo se empodera, ele dá a si o poder de escolher o que é melhor para nós dentro de um contexto social.

Para além do uso estético, o cabelo crespo funciona como símbolo político, pois, além de ser algo individual, torna-se coletivo e funciona como símbolo de luta e resistência negra, pois rompe com os padrões eurocêntricos que estimulam os indivíduos a buscarem torna-se mais próximo possível a cultura branca, rompendo com a cultura negra.

Assim como a Negritude utilizou palavras que antes eram depreciativas revertendo-lhes o sentido, vemos neste poema a palavra “pixaim”, descentrada do seu sentido original que utilizado para depreciar, aparece agora como símbolo de empoderamento crespo, desarmando quaisquer enunciados pejorativos que antes envergonhavam a população negra, condizente com as propostas de desarmar os adversários, promovidas pela negritude, fazendo que afrodescendentes passem a se orgulharem de suas características.

Dentro de uma cultura em que prima pela estética branca, o uso do cabelo crespo não passa despercebido a olhares preconceituosos, para as mulheres que assumem o seu uso. Por ser também uma linguagem política, o cabelo crespo cumpre funções: além de estética, demarca um lugar de lutas, e também de oferecer novas formas de sentirem-se bonitas.

No poema, ele também desempenha o papel de denunciar o racismo existente, visto nos versos “Vou deixar você sem jeito/ Espetar seu preconceito”. Mostra o desconforto causado pelos penteados afros, em que mulheres negras são estimuladas a alisarem seus cabelos, por amigos e familiares, através de sugestões de lugares e produtos, que embora possam parecer enunciados isento de preconceitos, discursos deste tipo deixam claro que o cabelo crespo não é aceito em determinados espaços sociais, e que os afrodescendentes necessitam abrir mão de sua alteridade, disfarçando sua negritude.

O uso do cabelo em penteados como o *Black power* causa um desconforto às pessoas que o visualizam, como atesta relatos de mulheres que fazem uso destes, podendo ser lidos nas entrevistas realizadas por Santos(2012), as quais mostram como estas mulheres são coagidas por amigos e familiares a alisarem seus cabelos, ou que em alguns momentos as pessoas evitam sentar-se próximas a elas em transportes públicos, confirmando que pessoas negras sempre precisam negociar suas diferenças, e a ideia de alisarem os cabelos está diretamente ligada à sua ascensão social e profissional.

Na estrofe seguinte, Sobral enuncia “Meu cabelo não é duro/Nem bom, nem ruim, nem melhor”, a autora deixar claro que não existe cabelo bom ou ruim, existe concepções construídas socialmente que utilizam do estereótipo “cabelo ruim”, estigmatizando a estética negra, fazendo com que pessoas negras e afro-brasileiras tentem se encaixar em um padrão que não lhes pertencem, por não estarem fixadas ao ideal de beleza que é aceito.

Ao afirmar a dialética da percepção nos versos seguintes e “A alteridade de ser como eu sou”, busca-se, fazendo uso do cabelo, crespo abrir uma discussão de valorização da estética negra, desvinculada do olhar colonizador eurocêntrico, resinificando para os sujeitos o uso do cabelo como símbolo identitário, possibilitando assumir uma identidade negra.

Na última estrofe, a autora, “Diante do princípio do caos/Convida o sistema a refazer as suas concepções/Para desafiar a história única”. Pensamos no termo “história única” através das reflexões da palestra ministrada pela escritora Chimamanda Adichie<sup>8</sup> (2009), em evento do TED<sup>9</sup>.

Para Adichie, a história única é um conjunto de histórias contadas sobre determinado povo através de uma única perspectiva, desconsiderando e generalizado uma cultura. Nossas concepções sobre a história africana muitas vezes não vão além das imagens construídas sobre a África contada pela empresa ocidental; conhecemos por ser um continente pobre, desconsiderando outras formações culturais existentes no vasto território africano.

---

<sup>8</sup>A palestra *Os perigos de uma história única* ministrada pela escritora Chimamanda Adichie pode ser visto no youtube. Tem duração de 19min e 16 seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>> acesso 27 de set de 2016 as 10hrs

<sup>9</sup>TED é uma organização sem fins lucrativos, dedicada ao lema “ideias que merecem ser compartilhadas”. Começou há 26 anos como uma conferência na Califórnia, e, desde então, o TED tem crescido para apoiar ideias que mudam o mundo através de múltiplas iniciativas, voltando-se para palestras realizadas por grandes ativistas.

O uso dos cabelos como símbolo da identidade negra ao desafiar esta *história única* reivindica a produção social de uma identidade positiva, desconstruindo estereótipos e resgatando nossa ancestralidade em um resgate da nossa etnicidade negra, assegurando o direito a exercer nossa alteridade.

No poema “Fazendo a cabeça,” utilizado como epígrafe na abertura deste capítulo, o escolhemos por acreditar que ele melhor representa o trabalho intelectual da autora Cristiane Sobral. Além de remeter também à ideia de “fazer a cabeça” como deixar o cabelo crescer, um das propostas de sua obra em mostrar o cabelo como importante símbolo para compor a identidade negra, “fazer a cabeça” é um movimento de tomada de consciência sobre si.

A autora traz os versos “A cabeça deve ser feita/Ou desfeita/Pra se refazer.” Vivendo em uma sociedade que sempre representou de formas negativas a estética negra, “desfazer a cabeça” e romper com padrões eurocêtricos e passar a assumir elementos de sua etnicidade em uma ação de se empoderar:

Em uma cultura de dominação e antiintimidade, devemos lutar diariamente por permanecer em contato com nos mesmos e com os nossos corpos, uns com os outros. Especialmente as mulheres negras e os homens negros, já que são nossos corpos os que frequentemente são desmerecidos, menosprezados, humilhados e mutilados em uma ideologia que aliena. Celebrando os nossos corpos, participamos de uma luta libertadora que libera a mente e o coração (HOOKS, 2005, p.8)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alisar os cabelos não torna ninguém menos negro. Entretanto esta ação pode ir além da liberdade que o sujeito tem em decidir nas formas de uso do seu cabelo e ser visto como uma internalização da ideia que se pode ser bonitas (os) com o cabelo crespo.

O ato de alisar os cabelos pode ser considerado como reflexo de uma mente colonizada. Ao aceitar o cabelo liso como padrão universal de beleza, as pessoas e, especialmente as mulheres, anseiam por ingressar na cultura hegemônica branca por considerá-la superior. O empoderamento surge como um processo emancipatório de descolonização das mentes, no tocante ao uso do cabelo. A aceitação pessoal do uso do cabelo crespo como elemento estético funciona também como um símbolo político, em que o indivíduo tem capacidade de decidir como irá usar seus cabelos, reconhecendo o que ele representa para a cultura negra.

Diante do que foi abordado neste trabalho, observamos que Cristiane Sobral, em seus poemas, buscou ressignificar o uso do cabelo crespo para pessoas negras. Assim, ela reverte todos os sentidos depreciativos e mostra o cabelo como arma para a luta contra o racismo. Alisando o cabelo desde sempre, Sobral faz um convite aos leitores (as) a não alisarem, para que possam conhecer seu cabelo em estado natural.

Através das imagens construídas nos poemas, a autora busca persuadir os leitores a descobrirem que o uso de seus cabelos natural também é bonito, como nos mostra o título da obra “Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz”. Alisando seus cabelos desde sempre, as mulheres desconhecem que podem ser bonitas com o cabelo na sua forma natural, e muitas vezes recorrem à técnicas de alisamentos caras e que quase sempre têm efeitos nocivos à saúde.

Enquanto afro-brasileiros, acreditamos ser muito importante para nós a leitura de uma literatura que tematiza sobre o a estética afro-brasileira, sem marcas de estereótipos. Vemos na autora Cristiane Sobral uma escritora militante, realizando um trabalho importante em descolonizar as nossas mentes, ensinando-nos a amar o nosso corpo da forma que ele é.

## REFERÊNCIAS:

BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

EVARISTO, Conceição; Da representação à auto-apresentação da mulher negra na Literatura brasileira. p.52-54 In: *Revista Palmares Afro-brasileira*. Brasília: Fundação Palmares/Minc, Ano 1, nº. 1, Agosto, 2005. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>> acesso em 12 de out de 2015.

GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. In: *Relações raciais*, 2012. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/?p=1567>> acesso em 12 de out de 2015.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. *Quem precisa de identidade?* In: *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais* (Org.) Tomaz Tadeu da Silva. 10ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

HOOKS, Bell. *Intelectuais Negras*. Estudos feministas. Rio de Janeiro. IFCS/UERJ e PPCIS/UERJ, v.3, n, 2, p-464-469, 1995. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16465/15035>> acesso em 12 de out de 2015.

HOOKS, Bell. *Alisando o nosso cabelo*. Revista Gazeta de Cuba – Union de escritores y artista de Cuba, Tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, Jan-Fev.2005 Disponível em: < <http://www.criola.org.br/mais/bell%20hooks%20-%20Alisando%20nosso%20cabelo.pdf>>. Acesso em: 27 set 2016.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil Identidade nacional versus identidade negra*. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PROENÇA FILHO, Domício. A trajetória do negro na literatura brasileira. In *Estudos avançados* vol.18, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S01034014200400010017](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01034014200400010017)> acesso em 12 de out de 2015.

REIS, Roberto; Cãnon p.65-92 in: JOBIM J.L. (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SALES, Cristian Souza de. *Composições e recomposições: o corpo feminino negro na poesia de Miram Alves*. (Dissertação de mestrado). Salvador: UNEB, 2011.

SANTOS, Nádía Regina Braga dos. *Do blackpower ao cabelo crespo: a construção da identidade negra através do cabelo*. (Monografia de graduação). São Paulo: USP, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. "A produção social da identidade e da diferença". In: *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (Org.). Tomaz Tadeu da Silva. 10ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOBRAL, Cristiane. *Só por hoje vou deixar o meu cabelo em paz*. Brasília Editora, 2014.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

<http://cristianesobral.blogspot.com.br/> acesso em 12 de out de 2015.

<http://150.164.100.248/literafro/data1/autores/44/textosselecionados2.pdf> acesso em 12 de out de 2015.

